

Geografia da religião: uma contribuição de abordagem através das práticas espaciais de intolerância religiosa na urbanidade carioca.

Rachel da Silva – Universidade Federal de Santa Maria

A Geografia com uma ciência social tem como objeto de estudo a sociedade que é objetivada através de quatro conceitos-chave que se referem à ação humana modelando a superfície terrestre: espaço, lugar, território e região. Cada um deles possui várias acepções (LABATO, p.16, 2009). O espaço geográfico pode ser definido como a materialidade do processo de trabalho. É a relação homem-meio na sua expressão historicamente concreta (MOREIRA, p.71, 2010). Conforme Milton Santos à medida que o homem se defronta com a natureza, há entre os dois uma relação cultural, que é também política, técnica etc. É a marca do homem sobre a natureza, chamada de socialização.

Desta maneira, com a produção humana há a produção do espaço (SANTOS, p. 22, 1988), e a partir das categorias de estrutura, processo, função e forma, o espaço deve ser analisado. Nestas categorias devem ser também consideradas em suas relações dialéticas. Sendo assim, o espaço das religiões não pode ser negligenciado pela Geografia. Sylvio Gil Filho define “a Geografia da Religião é uma subdisciplina da Geografia Humana que tem por objeto o fenômeno religioso visto como um espaço de relações objetivas e subjetivas consubstanciadas em formas simbólicas mediadas pela religião” (GIL FILHO, p.2. 2004). Ao compreender o papel da Geografia por este prisma torna-se essencial para o processo de conscientização, de construção de cidadania, do respeito à diversidade cultural, da tolerância, uma vez que a religião e os seus desmembramentos são elementos constitutivos do Espaço Geográfico, sobretudo na formação do território brasileiro.

Partimos da diversidade do espaço geográfico através do espaço da vivência humana, por ser; dinâmico, complexo e plural, podendo ser construído com infinitas finalidades. As diversas dimensões da vida humana têm uma lógica própria que levam a

construções, grafias, simbologias, dinâmicas que denotam finalidades que pertencem às suas respectivas dinâmicas. Conforme Gil Filho:

Os efeitos da relação religião x espaço são decorrentes da característica complexa pela qual se organiza o fenômeno religioso. O pressuposto de que a religião está impregnada de elementos míticos em sua dimensão espacial revela a saturação do sentir mítico; se a religião se diferencia do mito pela representatividade, o espaço no qual o Homem religioso se realiza também é representacional (SILVA e GIL FILHO, p.77, 2009).

O ser humano ao relacionar-se com a natureza faz a Geografia, e, a relação entre o ele e o sagrado, estabelecida por cada cultura, sinaliza uma dimensão específica da existência humana. O autor teoriza sobre o homem frente ao fenômeno religioso quando diz que:

O homem é um ser simbólico, no sistema *cassireriano*, que o caracteriza como superação da vida biológica. Assim há uma ruptura da ordem natural gerada pelo homem e na qual ele deve ser submetido. Este processo conscientiza o homem de que ele não somente vive no universo de fatos, mas, sobretudo em um universo simbólico. Deste modo, a religião, é parte deste universo pleno de significados que faz parte indissociável da experiência humana. Sendo assim, o homem não está somente diante da realidade imediata, mas à medida que sua prática simbólica se realiza ele busca os significados da existência. Ao dar primazia à religião como um setor das atividades humanas não reduz o seu âmbito ou minimiza sua influência, mas sim o reconhece como fenômeno da vida humana (GIL FILHO, p.2, 2004).

Imputar à qualidade de “sagrado” a um objeto, a um espaço, um acontecimento, nada mais é senão necessário estabelecer uma forma de organização de mundo. O mundo é assim interpretado, codificado, transformado em mensagem, mas não se torna sagrado em sua totalidade. Somente é sagrado aquilo que é sentido como poderoso, transformador e por isso significativo. Ordenar o mundo por meio deste sentido é transformá-lo em grande sistema significativo (AUGRAS, 2008).

A religião é vista neste trabalho como um conjunto de sistema de significações, incluindo os modelos de comportamento que delas decorrem, enquanto os fenômenos religiosos serão as manifestações concretas deste sistema. Essas duas práticas sociais se

fundem através da dimensão espacial, já que a primeira analisa o espaço e a segunda ocorre espacialmente como um fenômeno cultural.

Quando a religião é assim analisada pode ser classificada em dois grandes grupos: as religiões étnicas e as religiões universalizantes. As primeiras são ligadas a grupos sociais específicos e geralmente estão ligadas também a um espaço específico, enquanto as segundas, por terem esse caráter universalizante, rompem as relações de pertencimento com o lugar de origem e tem um amplo poder de difusão de sua mensagem e doutrina de maneira a ser apropriada por um grande número de pessoas. Estas religiões que possuem tal caráter são: o cristianismo, islamismo e o budismo.

Estas articulam e desenvolvem diferentes territorialidades pelo mundo, sendo que a religião cristã articulou ao longo de sua história um sistema territorial hierárquico e burocrático vindo a ser a mais antiga e duradora das organizações religiosas por além de exercer a função religiosa é também uma instituição política e econômica.

O êxito do Cristianismo em sua dispersão espacial já estava delineado potencialmente nos evangelhos. Os evangelhos sinóticos proclamam a missão de difusão do Cristianismo como, por exemplo, a menção em Marcos (16, 15-16), "*Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura*". A espacialização do Cristianismo se baseia desde início na difusão dos ensinamentos religiosos, o que se configurava como uma prova de amor ao próximo. O difundir das escrituras cristãs propiciou o surgimento de comunidades religiosas em vários lugares do mundo (SILVA e GIL FILHO, p.79, 2009).

Partimos de SOPHER (1961) que fornece modelos geográficos de interação entre sistemas religiosos a partir de um estudo micro-geográfico da religião. Aborda o comportamento estratégico adotado por minorias religiosas dentro de domínios religiosos maiores e a mistura de comunidades religiosas em áreas de transições (SOPHER apud ROSENDAHL, p.94, 1961). A territorialidade dos sistemas religiosos pode surgir de três tipos de comportamentos: i) por coexistência pacífica, ii) por instabilidade e competição e iii) por intolerância e exclusão.

O primeiro tipo de interação entre os sistemas religiosos, a de coexistência pacífica, é caracterizada pelo equilíbrio, pelo sentimento de mútuo respeito, antipatia ou indiferença. Vindos de sistemas religiosos que não demonstram preocupações com outras crenças e suas respectivas práticas religiosas. O sentimento de antipatia pode uma

tendência de gerar áreas auto-segregadoras, onde a separação é marcada pelo exclusivismo de uma religião *A* e outra pela religião *B*.

E o sentimento de indiferença em oposição à auto-segregação de comunidades religiosas, gera uma pluralidade harmoniosa cujo subsistema religioso, aquele que possui diversas denominações, tal como as igrejas evangélicas- sobretudo as neopentecostais no Brasil- que têm papéis institucionalizado bem como são socialmente aceitos e reconhecidos pelos outros subsistemas religiosos.

Já o segundo tipo de interação, é a competição e a instabilidade, em uma das religiões é caracterizado com instável. Neste tipo existem os movimentos missionários de conversão em que cada religião utiliza-se de estratégias próprias para angariar novos adeptos e expandir seu espaço na sociedade, em estágio avançado, podem criar tanto centro de difusão como também áreas de resistência.

Por fim o terceiro e último tipo de interação entre sistemas religiosos, a intolerância religiosa que vamos intensamente mostrar neste artigo para apresentar o problema da temática. Um dos exemplos clássicos é das religiões antigas como o cristianismo, judaísmo e islamismo que reivindicaram ao longo do processo histórico a posse única da verdade religiosa e por conseqüência geraram guerras e muitas vezes fizeram uso da pressão política para destruir outros sistemas religiosos.

Neste artigo são evidenciados os dois últimos tipos de interação entre sistemas religiosos; o de competição e de intolerância religiosa.

1- Compreendendo a Intolerância Religiosa.

Ruy Moreira trata a analogia homem-espaço como relação prioritária de análise da ciência geografia, que se dá por meio de condutas que modificam o espaço e inserem o ser humano no meio. Essa inserção não é, entretanto, unilateral. O sujeito age sobre o meio, modifica-o e, neste processo, ele o transformando e sendo igualmente transformado por ele. Surgem assim, neste processo, como os valores dialéticos a construção espacial das sociedades, orientando a percepção, a vivência, a concepção do

espaço e das relações espaciais dos homens. Estas relações espaciais humanas são também decorrentes de seus comportamentos orientados pelos sistemas teológicos.

O primeiro passo da espacialização do fenômeno religioso é dado pelo discurso fundador, que transforma experiências religiosas e míticas em verdades religiosas. Trata-se de um discurso que é reestruturado pelo líder religioso que dirigidas aos enunciatários pode haver a eficácia simbólica necessária na espacialização e nominação da experiência religiosa com o mundo (SILVA e GIL FILHO, p.79, 2009).

A partir deste ponto analisaremos as relações de conflitantes existentes entre o neopentecostalismo e as religiões afro-brasileiras, mais especificamente umbanda e candomblé que são as mais presentes no Rio de Janeiro.

A intolerância é a expressão do preconceito com o que é diferente. Este preconceito pode ser fruto do desconhecido como também de um deturpado ou falso conhecimento da realidade do outro se manifestando como uma opinião, uma idéia negativa sobre uma pessoa ou um grupo de pessoas, que se forma e se desenvolve mesmo antes de se conhecer os fatos e as razões do outro. Ou seja, é feito um julgamento antecipado, geralmente baseado no fato daquela pessoa ou grupo serem diferentes de quem sente o preconceito. Essas possíveis diferenças vão justificar que um grupo se sinta superior ao outro e se julgue com mais direitos e privilégios.

Nesta discussão torna-se de vital importância destacar o conceito de etnocentrismo. É um conceito antropológico complexo, e que se analisar a etnologia da palavra (grego *ethnós*, -eos, raça, povo + *centrismo*), tem-se como significado ter um povo/raça/cultura como centro. É considerar que uma cultura/religião como a medida de todas as demais. Desta maneira há a subestimação e o menosprezo a cultura ou religião do outro, sobretudo quando se é avaliado a religião a partir **A** como supostamente superior a **B**.

O etnocentrismo fez com que ocorresse a legitimação e o aprofundamento da inferioridade entre os povos e seus respectivos espaços. Este foi feito através de múltiplas estratégias de inferiorização, tais como o epstemicídio, genocídio, assimilacionismo, entre outras.

Esses conceitos são fundamentais para compreender o comportamento social de um sistema religioso que pratica e propaga a intolerância religiosa. Porque o uso da linguagem para Gil Filho (2004) é o que permite o espaço de representações:

A linguagem enseja à representação, a posição espacial, as distâncias e possibilita ir além das determinações subjetivas das sensações quando estabelece premissas de objetivação de uma ordem espacial. Desde suas práticas primárias às mais complexas a linguagem permite a transposição de um espaço de expressões para um espaço de representações (GIL FILHO, p.4, 2004).

A partir da linguagem que se remete a um lugar de enunciação, gera outras formas de espacialização do fenômeno religioso:

(...) os primeiros veículos para a espacialização das idéias religiosas são as palavras, na oralidade e/ou na textualidade pela qual é difundido o saber religioso. A partir da apropriação desse conhecimento, o Homem religioso é sujeito “espacializador” através da enunciação do discurso religioso. As representações que permeiam os discursos se espacializam para além do espaço originário (SILVA e GIL FILHO, p.79, 2009).

Esta linguagem também está associada à pretensão de dominação social, geralmente, quando um grupo social pretende dominar o outro grupo pela via religiosa, prega-se a satanização, o etnocentrismo, a intolerância em relação às outras religiões. Tal como apresenta Gonçalves da Silva (2007):

O neopentecostalismo, em conseqüência da crença de que é preciso eliminar a presença e a ação do demônio no mundo, tem como característica classificar as outras denominações religiosas como pouco engajadas nessa batalha, ou até mesmo como espaços privilegiados da ação dos demônios, os quais se ‘disfarçariam’ em divindades cultuadas nesses sistemas (GONÇALVES DA SILVA, p.1, 2007)

No contexto de pluralidade religiosa no Brasil, onde há religiões para satisfazer a necessidade espiritual de cada indivíduo, gerou a concorrência entre as religiões, de um modo geral, tem sido marcante no Rio de Janeiro. Nesta dinâmica de competição religiosa, cada religião utiliza-se de estratégias próprias para garantir e expandir seu espaço na sociedade. Segundo o autor:

(...) a visão das igrejas neopentecostais sobre as religiões afro-brasileiras é conseqüência do desenvolvimento do sistema teológico e doutrinário do pentecostalismo, surgido no Brasil no século XX, sobretudo a partir dos anos de 1950 e 1960. Nessa época, o

movimento religioso assumiu novos contornos, expandindo a base de suas igrejas, adensando o número de denominações e ganhando maior visibilidade. Ao se distinguir pela ênfase do dom da cura divina (por isso chamada muitas vezes de “igreja da cura”) e pelas estratégias de proselitismo e conversão em massa, essa segunda onda do pentecostalismo preservou as características básicas do movimento que já tinha 40 anos, como doutrina dos dons carismáticos (fé, profecia, discernimento, cura, línguas, etc.), o sectarismo e o ascetismo (MARIANO apud GONÇALVES DA SILVA, p. 31, 1999).

Caberia aos fies, segundo esta visão dar prosseguimento à obra de combater a esses demônios iniciadas Jesus Cristo quando em João 3:8, diz que “Para isto se manifestou o Filho de Deus: para destruir as obras do diabo” (Idem, p.5). E para conquistar novos fies estes utilizam de pregações em espaços públicos; distribuição de jornais gratuitos, panfletos convidando para cultos e limpezas espirituais; anúncios em ônibus de shows na praia de Copacabana e na Enseada de Botafogo; como também de canais/horários em televisões e rádios; e o mais alarmante são os políticos de Cristo que estão em todas as estâncias do Poder Legislativo.

O autor evidencia que o ataque às religiões afro-brasileiras é além de uma estratégia de proselitismo junto às populações de baixo nível socioeconômico que seriam potencialmente religiosos afro-brasileiros e neopentecostais, é consequência do papel que as mediações mágicas e a experiência do transe religioso ocupam na própria dinâmica do sistema neopentecostal em contato com o repertório afro-brasileiro.

(...) No Brasil, enquanto os processos de secularização e racionalização atingiam os setores cristãos (catolicismo, protestantismo histórico, etc.), o pentecostalismo surgiu como uma possibilidade, ainda tímida na primeira e segunda fases, mas muito forte na terceira, de valorização da experiência do avivamento religioso. No neopentecostalismo, essa característica radicaliza-se em termos de transformá-la em uma religião da experiência vivida no próprio corpo, característica que tradicionalmente esteve sob a hegemonia das religiões afro-brasileiras e do espiritismo Kardecista. Combater essas religiões pode ser, portanto, menos uma estratégia proselitista voltada para retirar fiéis deste segmento- embora tenha esse efeito- e mais uma forma de atrair fiéis ávidos pela experiência de religiões com forte apelo mágico, extáticas, com a vantagem da legitimidade social conquistada pelo campo religioso cristão (idem, p.2).

A impregnação das idéias religiosas sobre a percepção leva o Homem a espacializar o sentimento religioso em ações cotidianas. A partir disso, o fiel passa a espacializar as ideias religiosas pelo seu sentir mítico-religioso. O religioso busca se comportar de acordo com o modo religioso de agir descrito nas narrativas. Logo, o fenômeno religioso é espacializado pelo agir. Ação que, descrita, toma forma de palavra, depoimento e pregação com intuito de conversão.

Muitos fiéis se empenham bastante na conversão dos familiares que ainda *não aceitaram a palavra*. Pois, ao acreditarem nas bênçãos alcançadas e no habitat eterno do paraíso, buscam através de seus atos levar ao mesmo destino as pessoas para as quais dirigem seu amor. O mandamento maior do Cristianismo: “*amai-vos uns aos outros como eu vos amo*” (João, 15,12), também pode ser interpretado como “levei o Evangelho a toda criatura”. Esse ímpeto missionário provocado pela narrativa é o propulsor da fundação da instituição. A crença nas graças de Deus e o apelo ao amor ao próximo incitam o fiel à ação. Nos casos em que a pessoa impelida à ação encontra uma estrutura institucional com uma linguagem religiosa satisfatória, ela passará, com seu trabalho, a fortalecê-la. No entanto, se suas concepções mítico-religiosas não puderem ser ancoradas em alguma organização institucional preexistente, a pessoa poderá erigir alguma (SILVA e GIL FILHO, p.85, 2009)

2- As práticas espaciais de intolerância religiosa: Reação dos Movimentos Sociais através da criação de Comissões e Fóruns de combate a Intolerância Religiosa no Rio de Janeiro.

As práticas de preconceito, discriminação e perseguição religiosa vêm-se manifestando (ou saíram do *locus* do silenciamento) de forma cada vez mais intensa, sejam por manifestações ostensivas de menosprezo, ofensas morais e, não raro, atos de violências físicas e psicológicas, incluindo depredações de templos e agressões a adeptos de crenças diferentes das dos agressores.

Ao espacializar estas manifestações, é perceptível que ocorrem nos bairros de baixo nível sócio-econômico a disputa territorial das igrejas neopentecostais. É pela expansão territorial que se espacializam as ideias religiosas. Gonçalves da Silva apresenta que Mariano (2004) confirma esta afirmação quando diz que o crescimento do pentecostalismo no Brasil deve-se, sobretudo, à acentuação de crises sociais e

econômicas, tal como o aumento do desemprego, da violência (nos centros urbanos por conta da aumento populacional- grifo meu) e da criminalidade.

E o enfraquecimento da Igreja Católica que não conseguiu acompanhar o ritmo da vida social do país. Com a liberdade e o pluralismo religiosos, a abertura política, a redefinição do processo democrático do Brasil, juntamente com a expansão e o aperfeiçoamento dos meios de comunicação, estas igrejas souberam utilizar para seu benefício como recurso estratégico no esforço de conquistar novos membros e expandir-se territorialmente com igrejas em áreas pobres do país e do mundo.

A respeito dos meios de comunicação¹, ressalta-se o rol de aquisições da Igreja Universal do Reino de Deus que foi grande. Após a compra da emissora de rádio e televisão Rede Record, atingiu níveis de audiência consideráveis devido aos investimentos financeiros e estruturais feitos pela direção evangélica da empresa. Além de editora de livros², revistas³, jornais gratuitos⁴ tem uma produtora de material fonográfico religioso⁵.

As manifestações de intolerância religiosa violam a Lei 7716/89, estabelece a igualdade racial e o crime de intolerância religiosa. Contudo as delegacias de polícia fazem o registro de ocorrência não classifica o fato como intolerância religiosa, esta é a expressão do preconceito em relação ao outro que é diferente.

Ao utilizar o discurso que demoniza as religiões não-cristãs, e especialmente as entidades espirituais constituintes do universo simbólico das religiões afro-brasileiras, modificam o significado para a proliferação da intolerância e do preconceito no imaginário coletivo. E pode ser usado como recurso estratégico para conquistar novos membros, frente à impossibilidade de abolir do imaginário coletivo as representações simbologias religiosas das entidades espirituais afro-brasileiras.

¹ Outras emissoras entram na lista de propriedades da Igreja Universal do Reino de Deus, considerada a maior do país, estão Rede Mulher, Portal Arca Universal.

² Editora Gráfica Universal, responsável pela publicação de livros produzidos pela denominação e afins.

³ A Revista Plenitude

⁴ Jornal Folha Universal e Jornal Hoje em Dia em Minas Gerais que é diário,

⁵ A gravadora Line Records e a emissora FM de rádio Rede Aleluia fazem parte da Universal Produções que gerencia todos os meios de comunicação ligados à igreja.

Sendo o preconceito e a intolerância religiosa caracterizados como crime contra os direitos humanos, uma vez que consta na Constituição Federal de 1988 da seguinte forma: *Artigo 5º - VI: é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e suas liturgias.* Também no Código Penal Brasileiro consta: *Artigo 140, § 3º - Injuriar alguém ofendendo-lhe a dignidade na utilização de elementos referente à raça, cor, etnia, religião ou origem: Pena : reclusão de 1 (um) a 3 (três) anos e multa.*

A sociedade brasileira é pluralista etnicamente, mas a cor da pele ainda é um estigma, ainda é forte a presença da colonialidade, do pensamento eurocêntrico enraizado na mentalidade brasileira traz a idéia da falsa cidadania, e estes cidadãos são tratados como de segunda categoria em que lhes sobram mais deveres do que direitos, assim como este tipo de pensamento impedem que venham à tona os lados perversos do nosso padrão de relações raciais sejam revelados e/ou percebidos.

Devido ao grande número de casos de violações de direitos de grupos que sofrem com a intolerância foram criados grupos de solidariedade, comissões e fóruns da sociedade civil com o intuito de ampliar o debate a construção de uma consciência de liberdade religiosa bem como se protegerem da séria ameaça e violação aos direitos religiosos que é um direito humano.

A criação da Comissão de Combate a Intolerância Religiosa- CCIR- foi fundada, formado por diversas organizações religiosas, instituições estatais e vítimas de intolerância religiosa em março de 2008 a partir da mobilização de religiosos em resposta aos acontecimentos que ocorreram na cidade do Rio de Janeiro na época. Em algumas favelas cariocas traficantes de drogas convertidos ao neopentecostalismo invadiram espaços religiosos, quebraram imagens e ameaçaram de morte os religiosos que não se convertessem ao Evangelho; em outras áreas pobres da cidade, líderes milicianos perseguiram os religiosos de matriz africana; Um terreiro de umbanda, na Zona Sul da cidade, foi invadido e depredado por quatro pessoas neopentecostais.

A CCIR é uma instituição ecumênica formada por várias organizações religiosas⁶, como também da sociedade civil e por parceiros, que busca a conscientização e o conhecimento dos direitos que asseguram a manifestação religiosa, tendo em vista a sensibilização do tema no seio da sociedade e por parte dos operadores do sistema, a fim de garantir que o previsto constitucional e legalmente seja cumprido. E tem como ação atender juridicamente às vítimas de intolerância religiosa e todo ano fazem a **Caminhada em Defesa da Liberdade Religiosa**, este ano está na sua quarta edição que conta desde o início com a colaboração da Rede Globo.

Em agosto de 2005, nasce em Salvador o Coletivo de Entidades Negras da Bahia (CEN), uma organização não governamental, sem fins lucrativos e sem vínculos político-partidários, constituída de associados unidos pelos objetivos comuns de cooperação mútua, parceria, diálogo local e solidariedade entre os diferentes segmentos sociais, cujos objetivos são: de defender os direitos e interesses das comunidades religiosas de matriz africana, preservar e fortalecer a cultura afro-brasileira e africana e seu legado civilizatório, através de campanhas de conscientização para os direitos fundamentais, caminhadas de mobilização, manifestações culturais, congressos, seminários.

Criou o Fórum de Religiosidade presente em alguns estados da federação, tal como no Rio de Janeiro, que tem como princípio promover a cultura do respeito, tolerância e do diálogo entre os diversos segmentos religiosos do país e, ao mesmo tempo afirmar a identidade religiosa do povo-de-santo, no direito a professar a sua fé e crença religiosa, além de reuniões fazem também a Caminhada pela Vida e Liberdade Religiosa por todo país, hoje a caminhada está na sua sexta edição.

3- Detalhamento de algumas Práticas Espaciais de Intolerância Religiosa de 2009 e 2010 que foram à Justiça.⁷

⁶ A CCIR construiu o **Fórum de Diálogo Inter-religioso**, cujos membros são: a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil- **CNBB**, **os presbiterianos, os batistas, kardecistas, ciganos e as ditas minorias étnicas.**

⁷ Dados da Organização de Direitos Humanos Projeto Legal que atendiam até janeiro de 2011 às vítimas de intolerância religiosas encaminhadas da Comissão de Combate à Intolerância Religiosa.

Caso 1 (2009) Umbandista- A Prefeitura de Niterói, por meio da Secretaria de Fiscalização de Posturas intimou vítima 1^{8a} “cessar as atividades de centro espírita e de centro cultura de capoeira”. A denúncia, que alegava funcionar na casa da vítima 1 um centro espírita clandestino e um centro de capoeira, partiu de uma vizinha, que vem a perseguindo e seu marido há cerca de dois anos, que resultou, inclusive, em ameaças e agressões físicas e verbais. Ocorre que, em verdade, há encontros espirituais, que respeitam a Lei do Silêncio, e reunião de algumas crianças que, ao som do berimbau, aprendem a dança ancestral. Os vizinhos acusados perturbam os ditos encontros e qualquer exteriorização da fé da família (utilização de incensos, velas etc.) com um alto-falante tocando músicas altíssimas, colocado num vão aberto na parede da casa do vizinho voltado para o quintal da Vítima 1. Os principais acusados são cunhados e a vítima 1 mora entre ambos.

Caso 2 (2009) Umbandista- Ocorrido em Nova Iguaçu. A vítima teve todas as imagens de sua casa de santo depredadas. Dias antes teve suas oferendas destruídas por membros da igreja Universal, cujo bispo, ao ser indagado sobre o fato, garantiu que não mais aconteceria. De qualquer maneira, consta no registro de ocorrência a autoria ignorada. Teme que em razão da divulgação do fato sofra intolerância por parte de pais de futuros alunos do próximo ano letivo, pressionando para que a Direção faça a sua substituição.

Caso 3 (2009) Candomblecista- Vítima e outro filho-de-santo, tiveram suas oferendas destruídas pelo pastor e outros dois fiéis da Igreja de Cristo Rio de Vida, no bairro de Paciência. O caso inicialmente teria sido tipificado no art. 208 do Código Penal, mas posteriormente, por influência da Chefia da Polícia Civil, teria sido reclassificado para o art. 20 da Lei 7.716/89- crime de preconceito ou discriminação racial.

Caso 4 (2009) Candomblecista- O adolescente teria sido discriminado por sua professora de português, na Escola Estadual FAETEC, o que teria redundado em sua

⁸ Os nomes verdadeiros das vítimas e dos agressores serão ocultados. O objetivo do trabalho é mostrar o que acontece e não quem o faz.

reprovação escolar. A discriminação aconteceu a primeira vez quando o adolescente estava fazendo uma maquete em grupo na aula anterior à professora. Quando a mesma chegou em sala de aula, presenciou a conversa entre o adolescente e seus amigos sobre os evangélicos e a mãe-de-santo que existiam na novela que passava à época (“Duas Caras”), percebendo também que o adolescente usava um fio de contas, colar que expressa a sua fé. Neste momento a professora teria quebrado a maquete dos adolescentes e chamado o adolescente de “filho do diabo”. Desde então fazia de tudo para que ele não assistisse mais às suas aulas. Apesar da mãe biológica do adolescente ter conseguido naquele ano a mudança de turma, tal intervenção não teria sido suficiente para evitar a repetência do mesmo. O adolescente chegou a ter depressão e pensado em se matar. O fato resultou em um Registro de Ocorrência e num procedimento de Sindicância contra a professora. No primeiro já houve a oitiva dos envolvidos. O último encontra-se em análise por parte da Presidência, tendo o Sindicante opinado pela configuração da irregularidade. Em razão do fato, também houve a suspensão do bolsa-família, situação hoje já regularizada.

Também foi elaborado um dossiê pela equipe da ONG, tendo por destino o Conselho Estadual das Crianças e dos Adolescentes/RJ, com o objetivo de serem tomadas medidas de controle e monitoramento das condições de respeitabilidade do direito de liberdade de consciência de crianças e adolescentes frente às instituições implicadas no caso, bem como a realização de uma Audiência Pública para a promoção de debates e proposições sobre o direito à liberdade religiosa de crianças e adolescentes. Esta última foi realizada no dia 09/03/09.

Caso 5 (2010) Umbandista- A vítima é sacerdote. No final do ano passado o Centro Espírita o qual dirige adquiriu um terreno com construções em prestações. À época, residiam no local três famílias, que haviam se comprometido de sair em dezembro. Apenas uma das famílias cumpriu o avençado, sendo que o apartamento da terceira foi invadido por uma das remanescentes. Logo no início estas famílias evangélicas passaram a demonstrar intolerância religiosa, quer furtando ou destruindo qualquer objeto que ficasse no jardim ou varanda (hortas, imagens de santos etc.), quer jogando lixo e sal no jardim (espécie de purificação ante a satanização que fazem dos candomblecistas), quer colocando som alto com músicas e pregações de exocirzações

toda vez que há reunião religiosa. Várias ameaças diretas e xingamentos também foram perpetradas contra o sacerdote e outros integrantes candomblecistas. Já há Ação de Imissão de Posse proposta pelo Centro Espírita e Ação de Usucapião proposta por parte dos invasores. Já quanto ao procedimento investigatório, há quatro registros na DP, sendo que apenas um deles já teria virado inquérito. Os demais seriam apensados a este, conforme a inspetora de polícia responsável pelo caso.

Caso 6 (2010) Candomblecista- A vítima sofreu intolerância religiosa com a destruição e vilipêndio de objetos de seu culto religioso, em 07/10/09. A acusada é a proprietária do imóvel, juntamente com uma outra mulher, que ela foi locatária (contrato verbal) e estava em processo de mudança de residência, só restando justamente seus objetos religiosos (*jogos de atabaque* (dois), *roupas de santo* (aproximadamente umas três caixas), *ibás* (louças de orixás⁹), *pepelê*¹⁰, *firos de contas*¹¹ e *diversos potes de miçangas para sua feitura, búzios, representações de orixás e exús e diversos outros instrumentos para os rituais*), tendo em vista que não podem ser retirados ou transportados como qualquer objeto. Assim, teve todos seus pertences destruídos e queimados aos gritos de que “*Está repreendido em nome de Jesus*”, “*Vamos botar para fora*” e outros dizeres como quem tivesse exorcizando os referidos objetos. Posteriormente, tudo o que havia sobrado foi jogado na rua da frente e, com o intuito de purificação, lavaram a casa já vazia. Não contente com o que já havia feito, a **proprietária ainda** pegou uma Bíblia aberta e a colocou sobre o muro da casa. Por fim, cumpre destacar que o evento criminoso só não foi registrado anteriormente porque a vítima foi desmotivada pelos policiais militares que estiveram no local, dizendo à mesma de que nada adiantaria, eis que a mesma não possuía notas fiscais dos mencionados objetos. Sequer esclareceram-na de que poderiam ser tiradas fotos do local em que se deu a destruição.

Caso 7 (2010) Umbandista- A vítima tem sido perseguido religiosamente por um vizinho pastor há aproximadamente nove anos, que costuma colocar som alto, com músicas, pregações e exorcizações evangélicas, toda vez que há culto em sua casa.

⁹ Trata-se de instrumentos típicos para prática espiritual da religião Candomblé.

¹⁰ Suporte onde se colocam os atabaques.

¹¹ Cordão representante da fé candomblecista.

Também é vítima de declarações preconceituosas e já até teve seu nome citado em rádio evangélica e exorcização de sua casa por seguidores na laje do vizinho.

Para completar, um outro vizinho seu, convertido pelo pastor, também resolveu importunar a vítima, colocando músicas altas praticamente o dia inteiro. Há registros de ocorrência antigos em relação ao pastor, que não foram devidamente tipificados para intolerância religiosa, até pela época.

4- Considerações Finais

É no entanto preciso considerar a potencialidade espacial do fenômeno religioso, já que é através do sentir místico que se partilha uma linguagem religiosa. Esta se espacializa para além do local de origem e desta maneira o espírito humano, inspirado por uma linguagem religiosa, espacializa, através de seu sentir, os enunciados religiosos por meio do qual se realiza enquanto ser. A ação humana, incitada pelo simbolismo religioso, se retroalimenta no espaço material, nas representações dos templos e nos matizes presentes nas manifestações religiosas da paisagem.

Quando estas manifestações religiosas depreciam, propagam falácias e incitam a discriminação violam a Lei Federal 7716/89, estabelece a igualdade racial e o crime de intolerância religiosa. Embora as delegacias de polícia façam o registro de ocorrência, estas não são enquadradas como intolerância religiosa, o que impede que sejam criados dados para análises mais consistentes e meios estratégicos de respeito às diferenças de crença e de liberdade de culto. Esta ação policial é a materialização institucional do preconceito ou descaso para com o outro.

Para mudar este quadro perverso de não acesso a justiça é necessário que haja um diálogo democrático permanente entre Estado e Sociedade Civil, afim de que juntos possam instituir mecanismos que assegurem o livre exercício das práticas religiosas, assegurando sobretudo o seu espaço físico e coibir manifestações de intolerância religiosa.

A garantia da igualdade em uma sociedade brasileira é o grande desafio na luta pelos Direitos Humanos, por estarmos em uma sociedade plural etnicamente, onde a cor

da pele ainda é um estigma. E este é o outro motivo desta intolerância religiosa de demonizar o universo simbólico da religião do Outro, e especialmente das religiões afro-brasileiras, cujo motivo pode ser o racismo histórico, o qual está enraizado na cultura e na mentalidade dos brasileiros, já que a matriz religiosa africana chegou nesse país com os africanos escravizados, os quais estabeleceram e mantiveram relações primárias com os brancos, o grupo estabelecido, brancos europeus, estabelecendo diferenças diversas, sobretudo a biológica, para reforçar e instalar a estigmatização sobre eles e fazê-los com que estes grupos sociais africanos se conformem nesta condição subalternizada.

Na diáspora negra, a questão religiosa tem importância fundamental, já que a população negra foi desterritorializada e teve na religião a fonte guardiã dos valores da sua cultura e sobrevivência durante os séculos da escravidão, que desestruturou quase todas as suas instituições sociais e toda a sua relação familiar. Portanto a religião para o povo negro é mais do que a manifestação da espiritualidade, é um elemento fundamental da sua resistência a todas as formas de violência (física, simbólica, moral) e atualmente é a luta pela não-folclorização de uma cultura ancestral, a tolerância pela a sua livre prática e manifestação e respeito aos direitos e a singularidade dos seus adeptos.

É importante ampliar o debate a construção de uma consciência de liberdade religiosa devido ao grande número de casos de violações de direitos de grupos que sofrem com a intolerância que representa uma das faces mais perversas do racismo, do preconceito e da discriminação. Hoje em meio a Era da Globalização, a faceta do racismo aparece na ótica do mercado, em que a discriminação deixa de ser coletiva e passa a ser uma derrota individual, o que gera transtornos psicológicos de inferiorização pessoal, que garantem a reprodução das desigualdades.

Por isso, diante da séria ameaça e violação aos direitos religiosos como direito individual, é que se coloca como necessário aos cidadãos, articulados ou não em grupos religiosos, somar esforços por uma intensa mobilização a fim de garantir o direito de livre expressão de sua religiosidade.

5- Referências Bibliográficas

AUGRAS, Monique. **O duplo e a Metamorfose**: identidade mítica em comunidade nagô. 2ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CASTRO, Iná Elias et alli. (orgs). **Geografia**: Conceitos e Temas. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003.

GIL FILHO, S. F. Geografia da Religião: Reconstrução Teórica sob o idealismo crítico. In: **Anais I Colóquio Nacional do Núcleo de Estudo em Espaço e Representações-NEER**. Curitiba. UFPR-NEER, 2004.

GONÇALVES DA SILVA, V. Neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras: Significados do ataque aos símbolos da herança religiosa africana no Brasil contemporâneo. In: **Revista Mana** vol.13 no.1 Rio de Janeiro Apr. 2007.

MOREIRA, Ruy. **O que é Geografia**. 2ª edição. São Paulo; Brasiliense, 2009.

ROSENDAHL, Zeny. Geografia da Religião: Uma Proposição Temática. In **GEOUSP**: Espaço e Tempo. São Paulo, n° 11, PP.9-19, 2002.

SANTOS, Milton. **A Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SILVA, Alex Sandro da., GIL FILHO, Sylvio Fausto. Geografia da Religião a Partir das Formas Simbólicas em Ernst Cassirer: Um Estudo da Igreja Internacional da Graça de Deus no Brasil. In **Revista de Estudos da Religião**, junho, PP.73-91. 2009.